

GÊNEROS TEXTUAIS: PROPOSTAS NO LIVRO DIDÁTICO QUE POSSIBILITAM O LETRAMENTO E NUMERAMENTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

Jucélia Cumarú¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Unidade Acadêmica De Garanhuns – UAG

juceliacumaru@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho traz a análise de algumas atividades contidas no Livro Didático (LD) “Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos”, da Coleção Vida Nova, das autoras Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança, da Editora FTD (2013), sobre dois gêneros textuais (conta de água e rótulo de embalagem), que despertam a importância da intervenção do professor em ir além do que o livro propõe, utilizando estratégias para o ensino interdisciplinar (Português e Matemática), na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O intuito é contribuir com sugestões que ampliam as atividades já contidas no livro, despertando a reflexão acerca das informações que esses gêneros textuais trazem como possibilidade de se fazer um trabalho interdisciplinar, onde se possa, ao mesmo tempo, proporcionar o letramento e numeramento do aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sem que o professor se limite apenas às atividades contidas no livro. Entendemos por letramento, o uso da leitura e escrita que fazem sentido para o aluno nas práticas cotidianas e por numeramento o uso de conhecimentos matemáticos contextualizados em práticas sociais.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Livro didático. Letramento. Numeramento. Educação de Jovens e Adultos.

GENDER TEXTUAL: PROPOSED IN THE TEXTBOOK THAT PROVIDE LITERACY AND NUMERACY IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN ADULT EDUCATION

Abstract: This paper presents the analysis of some activities contained in the Textbook (LD) "Literacy in Youth and Adult Education" Collection New Life, the authors Isabella Carpaneda and Angiolina Braganza, FTD Publisher (2013) on two genres (water bill and label packaging), which arouse the importance of teacher intervention to go beyond what the book suggests using strategies for interdisciplinary teaching (Portuguese and Mathematics), the Youth and Adult Education (EJA). The aim is to contribute with suggestions that expand the activities already in the book, arousing the reflection on the information these genres bring a possibility to do interdisciplinary work, where it can at the same time provide literacy and numeracy student the Youth and Adult Education (EJA), without the teacher is limited only to the activities in the book. We understand literacy, the use of reading and writing that make

¹ **Orientador:** Robson Santos de Oliveira. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Unidade Acadêmica De Garanhuns – UAG. Contato: robssantoss@yahoo.com.br.

sense to the student in daily practices and numeracy using contextualized mathematical knowledge in social practices.

Keywords: Text genres. Textbook. Literacy. Numeracy. Youth and Adult Education.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema gêneros textuais, letramento e numeramento², na Educação de Jovens e Adultos (EJA, doravante nesse artigo), partiu do **II Colóquio de Educação Matemática da UAG-UFRPE**³, no qual a palestrante foi Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca⁴. A palestra girou em torno de como podemos trabalhar, em sala de aula, com gêneros textuais que promovam ao mesmo tempo o letramento e o numeramento dos alunos, inclusive da EJA. Para Fonseca (2002) essas duas práticas de letrar e numerar se imbricam, pois elas partem do ensino a partir da contextualização da prática de leitura e escrita e utilização dos conhecimentos matemáticos em diversas situações sociais.

Utilizamos os estudos de teóricos que abordam as temáticas: gêneros textuais, interdisciplinaridade, letramento e numeramento. Objetivamos analisar dois gêneros textuais contidos no Livro Didático (LD, doravante nesse artigo) *Alfabetização na EJA*, da *Coleção Vida Nova*, das autoras Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança, que, sob nossa perspectiva, contribuem para que o professor da EJA promova o letramento e o numeramento dos seus alunos de forma interdisciplinar.

Esse trabalho visa mostrar a importância do professor não se limitar às atividades que contém no LD, mas, que ele possa ampliá-las, usando-as como ponto de partida para um ensino com diversos tipos de gêneros textuais e de forma interdisciplinar de maneira que contribua para o letramento e numeramento dos alunos da EJA.

Esse trabalho está estruturado em metodologia, fundamentação teórica, análise das atividades do livro e sugestões didáticas e considerações finais.

2 Letramento matemático.

3 Colóquio ocorrido em 09 de junho de 2016, na cidade de Garanhuns, no auditório do Hotel do Serviço Social do Comércio (SESC).

4 Coordenadora do programa de pós-graduação em educação da UFMG; doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho utilizamos a pesquisa referencial te, dados de uma palestra e artigos que abordam as temáticas: gêneros textuais, interdisciplinaridade, letramento e numeramento. A partir desses conhecimentos, pudemos analisar atividades do livro didático de Alfabetização na EJA, da Coleção Vida Nova, das autoras Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança⁵, publicado em 2013 e com a aprovação do PNLD⁶ para o triênio 2014-2016.

O foco da nossa análise são as propostas didáticas de atividades do LD acerca dos gêneros textuais conta de água e rótulo de embalagem, que envolvam o letramento e numeramento, apontando meios para que o professor possa ampliá-las, em prol da promoção do aluno da EJA. Desse modo, buscamos mostrar que o LD é importante para guiar as ações do professor no processo de ensino-aprendizagem, e não como única ferramenta didática a ser seguida. Assim, consideramos, de nossa parte, que a abordagem do LD deve ser compreendida como motivadora para aplicações mais amplas e que o professor não deve se limitar apenas ao que ali está apresentado.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PERFIL DO ALUNO DA EJA

Sabemos que os alunos da Educação de Jovens e adultos (EJA) são um público diferenciado em relação aos alunos do ensino regular. Esses alunos, conforme Oliveira (2001, p. 15 e 16), são adultos que, em grande parte, vêm do campo e os jovens dessa modalidade são aqueles alunos da cidade que não conseguiram concluir os seus estudos no prazo regular. Ainda segundo Oliveira (2001, p. 16 e 17), há um diferencial entre esses dois grupos, pois o

5 Livro didático, dividido em duas partes: a primeira Letramento e Alfabetização e a segunda Alfabetização Matemática.

6 PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, programa criado em 1985 pelo Governo Federal do Brasil. Conforme Adelino e Fonseca (2014), em 2007, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA).

jovem da cidade já está mergulhado na cultura urbana do trabalho, entre outros aspectos da vida da cidade. Em contrário, o aluno do campo, muitas vezes, não tem conhecimento das especificidades das demandas urbanas de trabalho, entre outros aspectos. E esses conhecimentos prévios são fundamentais para o êxito do aluno na escola (OLIVEIRA, 2001).

Acreditamos que a diversidade de faixa etária e cultural da sala de aula da EJA demanda uma prática diferenciada do professor, quanto ao uso do livro didático, pois, geralmente, o livro não está devidamente direcionado para alunos que vêm do campo e, também, do mundo profissional, deles. Cabe ao professor buscar meios de ensino que favoreçam a compreensão dos conteúdos por esses alunos. Nesse sentido, segundo Arroyo (2006, p. 22) “a diversidade que permeia a EJA no tocante à etária, política e sociocultural dificulta criar um perfil que se molde a essas especificidades dessa modalidade”. Assim, embora haja lacunas na formação do professor, quanto à modalidade EJA, acreditamos que seja possível ao docente superar alguns aspectos dessa lacuna, apresentando propostas conforme as suas experiências e vivências com os próprios alunos em atuação.

3.2 O LIVRO DIDÁTICO E OS GÊNEROS TEXTUAIS

O livro didático é uma ferramenta indispensável em sala de aula, pois nele contém, sistematizado, o conteúdo a ser trabalhado durante o ano e, como Adelino e Fonseca (2014, p. 184) defendem, o LD é um “[...] material concebido para desencadear, com sua utilização, a mobilização e/ou a constituição de determinadas práticas de numeramento [...]”. Contudo, ele não deve ser o único meio didático utilizado pelo professor durante o processo de ensino-aprendizagem. O livro traz o ponto de partida que orienta o professor em seu trabalho. Limitar-se a este material didático, faz com que o professor corra um grande risco de não conseguir fazer com que os seus alunos, em específico os da EJA, apreendam o que está sendo ensinado.

O LD apresenta, por exemplo, diversos gêneros textuais que podem ser trabalhados em sala de aula. Contudo, as atividades contidas nele vêm muitas vezes limitadas a uma única disciplina ou mesmo a uma única perspectiva do gênero. Por essas razões, através de estudos

teóricos, palestra, entre outros, observamos que os gêneros, por exemplo: conta de água ou de energia elétrica e embalagens ou rótulos de produtos alimentícios, podem e devem ser trabalhados de forma interdisciplinar, pois eles são ricos em informações e trabalhar esses aspectos diversos em sala de aula, dará ao aluno uma visão geral do gênero e a sua função enquanto veículo de prática social. Conforme Soares (1998, p. 45, grifo nosso)

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem [sic] livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa **conta de luz**, numa bula de remédio [...]

Nesse sentido, acreditamos que oportunizar ao aluno da EJA a leitura de diversos gêneros e em todas as leituras possíveis, o ajudará a ampliar a sua capacidade de interpretação/compreensão textual e produção escrita desses gêneros e de outros que houver necessidade em sua prática social. Para tanto, conforme Adelino e Fonseca (2014, p.185), devemos “[...] considerar as práticas de numeramento inseridas no âmbito das práticas de letramento [...]”. Assim, consideramos pertinente que o professor explore os gêneros textuais em sua totalidade, não somente em uma única perspectiva, mas, nos âmbitos gerais que proporcione ao aluno ser letrado e numerado. Entretanto, sabemos que para que isso aconteça os entraves que permeiam essa efetivação precisa ser superado. Alguns desses entraves são:

A **família** tem como referência de “bom ensino” a prática de exercícios exaustivos, fato que pressiona o professor a ensinar em conformidade com o LD, devendo obedecer à disposição dos conteúdos dentro do livro. A família cobra que se façam todos os exercícios propostos no livro. E o professor, devido à **frágil formação acadêmica**, vê o LD como verdade absoluta e praticamente não utiliza de outros elementos para enriquecer o aprendizado na sala de aula. E quando ele consegue romper as barreiras do livro didático, buscando outros suportes para o ensino-aprendizagem, enfrenta resistência, inclusive dos **alunos** que, muitas vezes, não entendem o seu método de ensino e solicitam o uso de LD. (BATISTA, 2011, p. 13, grifo nosso)

Acreditamos, sem dúvida, que dos entraves apontados por Batista (2011), o que mais dificulta a efetivação de uma aula diferenciadas é a “frágil formação acadêmica”, inegavelmente, se o professor é bem preparado, ele busca superar os outros obstáculos. Por

essa razão de fragilidade acadêmica, alguns professores se limitam ao livro, às vezes por falta de uma formação adequada. Conforme Ota (2009, p. 214), muitas vezes essa falta de formação faz com que o professor se atualize através do LD, fazendo com que o LD seja o único orientador da sua prática. Conforme citado acima, outros entraves que podem acontecer são os próprios alunos que, muitas vezes, por falta de conhecimento, acreditam que as atividades que os professores promovem extra livro, não servem para o aprendizado. Desse modo, há um estranhamento por parte do aluno da EJA, que espera estudar todo o conteúdo do LD. Diante disso, o professor deve orientar o aluno quanto ao sentido social, ou melhor, à prática social sobre o que se está ensinando e mostrar ao aluno que o aprendizado pode acontecer também através de outras ferramentas didáticas.

3.3 INTERDISCIPLINARIDADE, LETRAMENTO E NUMERAMENTO

Segundo Frigotto (2008, p. 03, grifo do autor), “a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza **intersubjetiva** de sua apreensão [...]”. Nesse sentido, percebemos a importância de se trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar, pois possibilita aproximar-se da realidade, além de possibilitar, ao aluno, aprender vários conteúdos sem que ele esteja atrelado a uma disciplina específica. De fato, favorecendo ao estudante entender a aplicabilidade social do gênero em estudo.

Nesse sentido, a prática de ensino de Matemática que, vemos normalmente nas escolas, é, puramente, conforme Fonseca (2002, p. 4, grifo do autor), “a **Alfabetização Matemática** como o aprendizado (inicial) da escrita Matemática”. Isso se repete em relação ao ensino da língua portuguesa, ao que chamamos de Alfabetização. Nesses dois casos percebemos que o aluno aprende apenas a codificar e decodificar.

Todavia, há, em curso, uma nova perspectiva de ensinar Português e Matemática, que passam a receber a nomenclatura de Letramento para Português e Letramento Matemático ou Numeramento para Matemática (FONSECA, 2002). Essas perspectivas dão ao aluno possibilidades de ir além da simples codificação e decodificação, pois nesse modelo de

ensino é vital que se contextualize os ensinamentos, seja em matemática ou mesmo em português. Assim, conforme Fonseca (2002, p. 6, grifo nosso),

(...) dos esforços na busca de identificar, compreender e fomentar os modos culturais de se matematizar em diversos campos da vida social (até mesmo na escola), e considerá-los em suas intenções, condições e repercussões (identificados com a noção de Letramento Matemático ou **Numeramento**).

Assim, a prática de educar ganha um novo sentido, pois o letramento e o numeramento não se limita a apenas alfabetizar o aluno, mas também busca dar sentido a ele sobre o uso do que se está aprendendo, ou seja, o uso dos gêneros textuais na prática sociocultural (FONSECA, 2002). O letramento, assim, constitui-se numa ampliação da alfabetização considerando o uso do sistema alfabético e das regras gramaticais nos mais diversos contextos sociais, tanto de leitura quanto de escrita (SOARES, 1998). Do mesmo modo aplica-se para o termo numeramento a ideia de que vai além do mero conhecimento numérico e algumas regras básicas matemáticas, pois constitui-se no uso consciente do conhecimento matemático e adequado nas diversas situações sociais (FONSECA, 2002).

4 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DO LIVRO E SUGESTÕES DIDÁTICAS

Na análise, iremos apresentar recortes de atividades contidas no LD estudado, que apresentam os gêneros conta de água e rótulos de embalagens de alimentos. Além de sugestões de como ampliar essas atividades através da participação do aluno com contas de água e energia da sua própria residência. E do mesmo modo, com embalagens de alimentos que ele utiliza em seu cotidiano, a fim de usar algo mais próximo da sua realidade, pois acreditamos que os que estão apresentados no LD não é regionalizado.

4.1 ATIVIDADES SUGERIDAS PELO LD E NOSSAS SUGESTÕES

As atividades a seguir utilizam a conta de água para ensinar sistema monetário (figura 1), cálculo da média de consumo e situações-problema (figura 2). Elas estão contidas no livro da EJA referido anteriormente.

A atividade da figura 1 pede ao aluno que escolha o dinheiro (notas e moedas) que seja suficiente para pagar a conta de água, porém não deve receber. Entendemos que essa atividade pode ser ampliada se o professor propor que o aluno também pense em valores que restem troco ou mesmo pensar em quanto pagou a mais ou a menos em relação à conta de água do mês anterior.

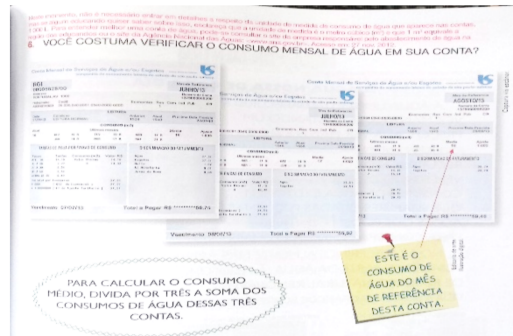
Figura 1: conta de água (sistema monetário) – Alfabetização



Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 172)

Quanto à atividade da figura 2 a seguir, percebemos que ela já abre mais o campo do conhecimento, pois além de trazer o cálculo da média de três contas de água, em seguida, coloca algumas situações-problema. Através das situações-problema, percebemos que esse é um dos momentos que o professor pode contextualizar às situações cotidianas do aluno, promovendo a interdisciplinaridade e com vista ao letramento e numeramento do estudante.

Figura 2 - conta de água (cálculo da média de consumo e situações-problema) - Alfabetização matemática.



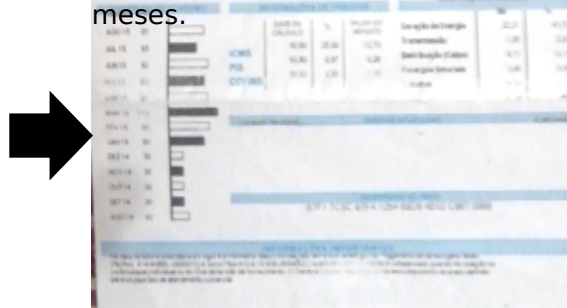
Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 183.

São esses momentos que se tornam fundamentais para a aprendizagem do aluno, mas o professor deve ter uma boa formação, pois, senão, ficará apenas no que o livro propõe (OTA, 2009).

Percebemos ao analisar essas atividades que o LD abre espaço para que haja ampliação delas, pois ater-se ao que o livro traz é muito pouco para o aprendizado do aluno acerca do gênero conta de água. Sabemos que a conta de água traz muito mais informações do que o valor da conta e cálculo médio de consumo. Um exemplo são as situações-problema que o livro traz nas atividades relacionadas à figura 2, que possibilitam à contextualização, onde o ponto de partida foi a conta de água. Apesar disso, acreditamos que o professor ainda possa ampliar ainda mais essas atividades, solicitando que os próprios alunos criem situações-problema, por exemplo.

Diante disso, podemos afirmar que a conta de água contida no livro se torna, de certa forma, muito geral. Desse modo, seria melhor que o professor utilizasse a conta de água dos próprios alunos e, se acaso alguém não tivesse conta de água em sua casa, mesmo assim, ele teria a oportunidade de conhecer esse tipo de gênero textual que seus colegas de sala recebem. Sugerimos ainda que o professor deva também utilizar a conta de energia elétrica em suas aulas, além da conta de água, pois nela há informações diferenciadas em relação à conta de água, tais como: gráfico e medida em Kilo-hertz (figura 3). Desse modo, o professor possibilita que o aluno também identifique essas peculiaridades desses gêneros textuais.

Figura 3 - conta de energia elétrica - gráfico de consumo dos últimos meses.



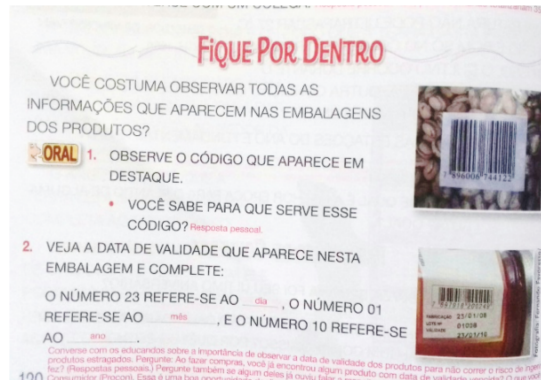
Fonte: imagem própria.

Na figura anterior, temos a possibilidade de trabalhar o nome próprio, várias formas de representação dos numerais, tais como: monetário, valor da conta; data; medida Kiloherz (Khz), sequência, Código de endereçamento postal (CEP), ou número da casa; gráfico; entre outros símbolos e, tudo isso, em Matemática. Já em Português podemos trabalhar o nome próprio; endereço; avisos que vem na conta, entre outros textos ali presentes, ampliando os conhecimentos dos alunos para outras práticas sociais de forma interdisciplinar (FRIGOTTO 2008). Acreditamos que limitar o conhecimento do aluno em apenas uma dimensão do gênero estudado, não oportuniza que ele faça uma análise geral do gênero em referência e não estaria promovendo o letramento e o numeramento do estudante.

Apesar de sabermos que os obstáculos que se apresentam diante do professor, quanto a sair das amarras do LD, são diversos e que não basta ter uma boa formação, ele necessita do apoio da família e dos próprios alunos que são, muitas vezes, o maior empecilho a ser superado (BATISTA, 2011). Contudo, acreditamos que o professor possa agir intuitivamente mesmo que não tenha formação específica para ensinar alunos da EJA. Para tanto, se faz necessário que ele veja esses alunos como pessoas que já trazem vários conhecimentos construídos ao longo da vida, e que esses não podem ser descartados (OLIVEIRA, 2001).

Outras atividades que nos chamaram a atenção no LD foram com os gêneros textuais embalagens ou rótulo de alimentos. Na primeira atividade (figura 4), a embalagem é trabalhada apenas nos aspectos de data de validade e código de barras, o que torna bastante limitado diante de tanta informação que contém uma embalagem de alimento.

Figura 4 -- Alfabetização matemática - Alfabetização matemática



Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 120.

Na segunda atividade (figura 5), trabalha-se apenas com a data de validade. Porém, as atividades subsequentes sugerem que o aluno traga uma embalagem de casa para socializar com os outros colegas e, nessa, há sugestão para se trabalhar com marca, peso, validade, local de fabricação, nome do produto, *slogan*, entre os fatores textuais ali presentes.

Figura 5 - data de validade e fabricação, 8 - Letramento e alfabetização

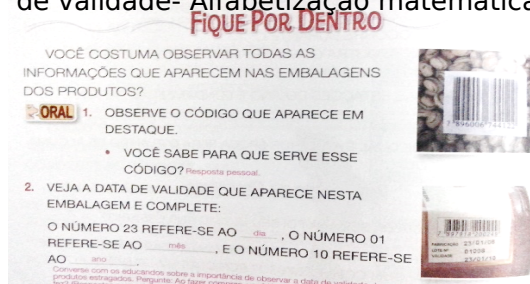


Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 28.

Mesmo assim, sabemos que uma embalagem de alimento contém muito mais informações do que essa atividade sugere. Isso não é uma crítica ao LD, mas um despertar para o professor, em específico da EJA, para não ficar atado somente ao que o LD sugere

como atividade. A próxima atividade (figura 6), busca fazer um levantamento dos conhecimentos prévios do aluno acerca do código de barras e retoma o prazo de validade das embalagens.

Figura 6 - código de barras e retomada da escrita numérica da data de validade- Alfabetização matemática



Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 120

Mais uma vez vemos parte da constituição textual da embalagem sendo trabalhada. Contudo esse gênero textual tem potencial para ser trabalhado mais amplamente. Ainda, pudemos encontrar, no LD estudado, uma atividade relativa ao aspecto de medida de capacidade mililitro, ml (figura 7).

Figura 7 - Medida de capacidade - Alfabetização matemática



Fonte: imagem contida no LD estudado, p. 181

Nesse caso, o professor poderá trabalhar com as próprias embalagens que os alunos trouxeram para sala de aula, inclusive oportunizando perceber outras medidas, como kilograma, por exemplo.

As possibilidades de letramento e numeramento se ampliam, quando se utiliza a embalagem e todos as linguagens ali presente e seus significados (figura 8) em uma sequência didática, por exemplo.

Figura 8- Embalagem de alimento completa



Fonte: imagem própria

Esse gênero textual poderá conter: uma receita (figura 9), sugestões de preparo, curiosidades, tabela de nutrientes, imagens, entre outros, ou seja, possibilita um trabalho interdisciplinar, que promova ao aluno a condição de observar o que esses gêneros conduzem de informações em suas embalagens.

Figura 9- gênero receita dentro do gênero embalagem de alimentos



Fonte: imagem própria

As imagens anteriores sugerem, como uma atividade mais ampla, o reconhecimento pelo aluno de gêneros dentro de outro gênero, ou seja, a embalagem completa do alimento contém: os gêneros receita, tabela de nutrientes, por exemplo. Esses aspectos não devem passar despercebido pelo professor e aluno, pois possibilita um olhar mais amplo e crítico do aluno em relação a outros gêneros. Trabalhar todos os aspectos da embalagem pode favorecer o letramento e o numeramento do aluno da EJA, em relação aos gêneros estudados.

Nessa perspectiva, Toledo (2003, p. 2) afirma que:

As tarefas e demandas do mundo adulto, face ao mundo do trabalho ou à vida diária e os contextos cívicos podem requerer muito mais que simplesmente a habilidade para aplicar as capacidades básicas de registro matemático. Estar preparado para atender à essas demandas e tarefas requer que o sujeito esteja, mais do que alfabetizado matematicamente, “numerado”.

Nesse sentido não podemos negar que a demanda atual da sociedade está cada vez mais rigorosa, quanto às capacidades de letramento e numeramento das pessoas. Por essas razões o professor da EJA deve buscar subsídios para qualificar os seus alunos para as práticas sociais de letramento e numeramento, E no caso que envolve a alfabetização matemática como diz Toledo (2003, p. 2):

O numeramento inclui um amplo conjunto de capacidades, estratégias, crenças e disposições que o sujeito necessita para manejar efetivamente e engajar-se

autonomamente em situações que envolvam números e dados quantitativos ou quantificáveis.

Assim percebemos a importância de se trabalhar os gêneros textuais apresentados nesse artigo, em toda a sua potencialidade, pois neles contém possibilidades de letrar numerando e numerar letrando. Além disso há possibilidade de se trabalhar interdisciplinarmente com os gêneros em referência. O que o livro sugere é apenas um ponto de partida. Ater-se a ele é limitar os conhecimentos dos alunos para a prática social. O professor que deseja promover o aprendizado do aluno, não deve se conformar em alfabetizar na língua portuguesa e em Matemática, mas sim letrar o aluno de tal maneira que ele consiga ver sentido no que aprende para a vida social. Como defende Soares (1998, p. 45), quando diz que a prática de alfabetizar não necessariamente faz com que o aluno consiga aprender a redigir e interpretar os diversos gêneros textuais que a demanda social exige que o indivíduo domine. Nesse sentido, o aluno poderá somente codificar e decodificar, e ter dificuldades para praticar os seus conhecimentos, quando se depara em situações variadas.

Portanto, cabe ao professor perceber as possibilidades de imbricar o letramento e o numeramento no ensino de gêneros como, por exemplo, na conta de água ou energia elétrica e embalagens de alimentos ou rótulos. Sabemos que esses gêneros são ricos em possibilidades de alfabetizar letrando e numerando. Assim, conforme Toledo (2003, p. 6)

Isso sugere que há áreas significativas onde letramento e numeramento se misturam em uma única habilidade e que, ambos servem de suporte para as habilidades gerais de resolução de problemas. Há também, várias situações do mundo real, quantitativamente ricas, que requerem um mínimo de uso de habilidades de linguagem.

Acreditamos que possibilitar que os alunos vivenciem ou mesmo criem situações problemas a partir dos gêneros em questão, o ajudará a entender como resolver problemas do seu cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo esperamos ter contribuído de alguma maneira para que o professor da EJA use o livro didático como um orientador e facilitador da sua prática e não como único recurso didático utilizado em sala de aula. Além disso ele deve considerar que o aluno da EJA já traz consigo uma bagagem de conhecimentos muito maiores do que a de uma criança. Portanto não deve se limitar às atividades que o LD propõe, acerca dos gêneros textuais. Conforme constatamos, muitas das atividades ali presentes não promovem o letramento e o numeramento do aluno. É preciso ampliar essas ações e buscar conhecimentos de forma que possa levá-los ao entendimento do uso de tais gêneros textuais e de outros na prática social.

6 REFERÊNCIAS

- ADELINO, Paula Resende; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Matemática e texto: práticas de numeramento num livro didático da educação de pessoas jovens e adultas. **Revista Brasileira de Educação**, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n56/v19n56a10.pdf>>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.
- ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos: *in* SOARES, Leôncio (org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.
- BATISTA, Amanda Penalva. **Uma análise da relação professor e o livro didático**. 2011. Disponível em: <<files.pibidletrasugb.webnode.com/.../UMA%20ANÁLISE%20DA%20RELAÇÃO%20>>. Acesso em 24 de jun. de 2016.
- CARPANEDA, Isabella; BRAGANÇA, Angiolina. **Vida Nova: Alfabetização**. Educação de Jovens e Adultos. Edição Renovada. São Paulo: FTD, 2013.
- FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Sobre a adoção do conceito de numeramento no desenvolvimento de pesquisas e práticas pedagógicas na educação Matemática de jovens e adultos**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <www.sbembrasil.org.br/files/ix_enem/.../PalestraNumeramentoTexto.doc>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: **Revista IDEACÃO**/Universidade do Oeste do Paraná. Campus Foz do Iguaçu. Centro de Educação e Letras. – Cascavel PR, Edunioeste. v. 10 nº I. p.41-62 1º semestre de 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>> acesso em: 18 de jun. de 2016.

- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas-SP: Ação Educativa, 2001.
- OTA, Ivete Aparecida da Silva. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. In: **Educar. Curitiba**: Editora UFPR, 2009 p. 211-221. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a16.pdf>>. Acesso em: 10 de jul. de 2016.
- SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TOLEDO, Maria Elena Roman de Oliveira. Numeramento, metacognição e aprendizagem Matemática de jovens e adultos. In: **Educação on-line**, 2003. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=4:educacao&id=320:numeramento-metacognicao-e-aprendizagem-matematica-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.